

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

## **Refrações do Desenvolvimento Capitalista para a Classe Trabalhadora: Uma Possível Relação entre Desemprego e Suicídio**

**Walter Araújo de Albuquerque**  
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo versa, de forma introdutória, elencar elementos a cerca do debate entre a relação do desemprego com o suicídio sob a ótica da teoria social de Marx. Como fundamento do trabalho assalariado, ou de forma genérica o trabalho abstrato, elencamos a categoria da alienação que possibilitará compreender sob o ângulo da dialética histórico-crítica, a relação de exploração do homem sobre o homem, é através dessa relação de alienação, que o trabalho, sob os moldes do modo de produção capitalista, tem seu sentido cada vez mais degradado se afastando da sua essência. O trabalho torna-se [...]de autossacrifício, de mortificação.” (MARX, 2015, p.309).

No modo de produção capitalista o trabalhador, dito como livre, precisa constantemente vender o único bem que possui, ou seja, a sua força de trabalho. Permitindo desta maneira a sua reprodução e conseqüentemente a manutenção da sociabilidade do capital e toda a lógica inerente a esse modo de produção.

Nesta direção, constata-se que nas bases do capitalismo que tem como regência a desigualdade, pois nas mesmas condições em que se produz riqueza, produz-se também a miséria (MARX, 1988), compreende-se a impossibilidade de que todos os indivíduos, pertencentes a classe trabalhadora, sejam inseridos na vida produtiva, ou seja, tenham

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

empregos ou ocupações que possibilitem a livre manutenção da sua força de trabalho, expressando que o desemprego é inerente ao capitalismo. Essa relação possibilitará uma mediação, por meio de uma óptica histórico-crítica, em que teremos como uma das sequelas o suicídio.

## **1.MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA E O TRABALHO ALIENADO**

O modo de produção capitalista emerge a partir do crescente desenvolvimento que as forças produtivas assumem no decorrer da história e das lutas sociais que são travadas, ou seja, com o surgimento e a ampliação do comércio em especial pelas navegações e com a ascensão econômica da burguesia, as relações sociais, econômicas e políticas já se apresentavam anacrônicas com as novas necessidades, exigindo mudanças radicais. Neste contexto, em meados do século XVI-XVII, nasce o modo de produção capitalista, que traz consigo uma significativa característica:

Na sociedade capitalista, pela primeira vez na história humana, esse aparente caráter natural das relações sociais tende a desaparecer. Nela, o local de cada indivíduo na estrutura social é relativamente modificável[...] pela ação dos indivíduos. Sob esse aspecto, a sociedade capitalista, se constrói como uma enorme arena, na qual os indivíduos não cessam de lutar entre si por um lugar ao sol. (LESSA, 2007, p.128)

Assim, o cariz que o trabalho assume no modo de produção capitalista vai ser pela exploração do homem pelo homem. Todavia, é necessário expor que historicamente essa relação de exploração tem sua gênese nas sociedades pré-capitalista, verifica-se a partir do surgimento do excedente econômico<sup>1</sup>. Porém, é no capitalismo que as relações de exploração assumem proporções históricas e nela encontra-se o cerne da reprodução desta sociabilidade “nessa forma de sociabilidade cada indivíduo tem na sociedade e nos outros indivíduos uma oportunidade ou obstáculo para acumular capital, e não uma expressão da generalidade humana.” (LESSA, 2007, p.129).

---

<sup>1</sup>Com o aparecimento da agricultura e da pecuária, os homens puderam, pela primeira vez, produzir mais do que necessitavam para sobreviver, ou seja, surgiu um excedente de produção. A existência desse excedente tornou economicamente possível a exploração do homem pelo homem. (LESSA; IVO, 2011, p.53).

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

É notório observar que as relações de exploração não ocorrem por meio de um desdobramento histórico, mas através de uma processualidade histórica, ou seja, a partir do momento em que se percebeu que exercer o domínio de um sobre o outro, em prol de suprir uma necessidade alheia a do indivíduo, poderia trazer grandes vantagens para os interesses particulares. “Com o surgimento da exploração do homem pelo homem, pela primeira vez as contradições sociais se tornam antagônicas, isto é, impossíveis de serem conciliadas. A classe dominante tem que explorar o trabalhador[...]” (LESSA, 2011, p.53).

É nesta direção que no capitalismo o trabalho se aliena:

[...] sociabilidade contemporânea se constitui em um momento privilegiado para a compreensão do fenômeno da alienação [...] o caráter puro da sociabilidade burguesa possibilitou que a existência humana se alienasse numa intensidade e numa amplitude inédita na história” (LESSA, 2007, p.126).

Mesmo que nas sociedades pré-capitalista ocorressem o predomínio do trabalho explorado em algum nível, mas os meios de produção e o processo de trabalho ainda eram, em algum grau, pertencente ao trabalhador. Somente no capitalismo o trabalhador vai ser destituído tanto dos meios de produção como o processo de trabalho vai ficar cada vez mais fragmentado “a exploração baseia-se nessa ruptura interior do processo de trabalho, que permite a certos indivíduos planejar, ordenar e usufruir da tarefa executada por outros.” (KATZ, 1995, p.11), caracterizando uma subsunção real do trabalho<sup>2</sup> ao capital, o trabalhador não poderia se defrontar com o produto de sua própria atividade como um estranho se ele não estivesse alienando de si mesmo no próprio ato de produção:

[...]é necessário que o trabalhador seja separado dos meios de produção e do produto produzido. Este é um longo processo histórico que teve início mesmo nos modos de produção anteriores ao capitalismo, mas que se intensificou e recebeu sua forma final entre os séculos 15 e 18. Com as grandes navegações (séculos 15 e 16), surgiu um mercado mundial que possibilitou à burguesia europeia acumular capital na escala necessária para transformar progressivamente o artesanato medieval, que trabalhava em sua oficina, com suas ferramentas, sua matéria-prima e com a posse

---

<sup>2</sup>[...] modo de produção especificamente capitalista, que, com seus próprios métodos, meios e condições, só surge e se desenvolve naturalmente sobre a base da subsunção formal do trabalho sob o capital. O lugar da subsunção formal do trabalho sob o capital é ocupado por sua subsunção real. (MARX, 2013, p.708)

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

do produto final, em um trabalhador assalariado justamente porque perdeu a posse de todo o resto, menos de sua força de trabalho. (LESSA; IVO, 2011, p.64).

Percebe-se que quanto mais o capitalismo se aprofunda mais a relação do trabalhador com o seu trabalho vai se alienando, segundo Marx (2015):

[...] quanto mais o trabalhador produz, tanto menos tem para consumir; em que, quanto mais valores ele cria, tanto mais sem valor e indigno se torna; em que quanto mais formado o seu produto, mais deformado o trabalhador; em que, quanto mais civilizado o seu objeto, tanto mais bárbaro o trabalhador; em que quanto mais potente o trabalho, tanto mais impotente o trabalhador; em que, quanto mais espiritualmente rico o trabalho, tanto mais sem espírito e servo da natureza se torna o trabalhador. (p.307).

É importante frisar que o trabalho na sua essência visa suprir as necessidades humanas, porém a alienação do trabalho altera esse sentido e o trabalho ao invés de se mostrar pertencente ao trabalhador se mostra estranhado, alheio a ele, assim no modo de produção capitalista o trabalho alienado, que tem a sua maior expressão na venda da força de trabalho evidencia uma relação destrutiva para o trabalhador “o trabalho produz obras maravilhosas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador. Produz beleza, mas mutilação para o trabalhador.” (MARX, 2015, p.307).

Dessa maneira, segundo Mészáros (2011) a alienação se caracteriza:

[...] pela extensão universal da “vendabilidade” (isto é, transformando de tudo em mercadoria); pela conversão dos seres humanos em “coisas”, para que eles possam aparecer como mercadoria no mercado[...] e pela fragmentação do corpo social em “indivíduos isolados”, que perseguem seus próprios objetivos limitados, particularistas, “em servidão a necessidade egoísta”, fazendo de seu egoísmo uma virtude em seu culto a privacidade. (p.39)

Marx (2015) coloca que a alienação, no modo de produção capitalistas, encontra-se em todas as dimensões do processo de trabalho, não apenas na mercadoria ou na força de trabalho, mas na própria atividade produtiva “[...]a alienação mostra-se não só no resultado, mas também no ato da produção, no interior da própria atividade produtiva.” (p.308), logo o que antes fazia parte do indivíduo no processo afirmativo de exteriorização, como resultado

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

do processo de trabalho, com a alienação do trabalho a exteriorização se mostra no seu aspecto negativo, ou seja:

[...] nem todas as objetivações/exteriorizações assumem papel positivo no desenvolvimento da generalidade humana. Algumas das objetivações, em momentos historicamente determinados, podem se transformar, de impulsos, em obstáculos ao desenvolvimento da humanidade. E, nesses momentos, tais objetivações, ao invés de contribuir com o devir-humano dos homens, se transmutam em negação da essência humana, em expressão da desumanidade criada pelo próprio homem. (LESSA, 2007, p.125)

É assim que o trabalho nos moldes do capitalismo vai se mostrar exterior, não pertencente ao trabalhador, este produz todas as riquezas necessárias para a manutenção e reprodução deste modo de produção, mas em contrapartida não usufrui equitativamente das riquezas que o mesmo produz diariamente “ele não é portanto a satisfação de uma necessidade, mas é apenas um meio para satisfazer necessidades externas a ele [...] o trabalho exterior, o trabalho no qual o homem se exterioriza, é um trabalho de autossacrifício, de mortificação.” (MARX, 2015, p.309).

Como resultado da exteriorização (em seu aspecto de negação), segundo Marx (2015), surge à propriedade privada “a propriedade privada é, portanto, o produto, o resultado, a consequência necessária do trabalho exteriorizado[...].” (p.317), como a propriedade privada se evidencia como fundamento do trabalho alienado, essa relação tende a ser recíproca, ou seja, “[...] se a propriedade privada aparece como fundamento, como causa do trabalho exteriorizado, ela é antes uma consequência do mesmo [...] mais tarde essa relação converte-se em ação recíproca.”(MARX, 2015, p.317), logo essa reciprocidade cria uma crescente degradação nas aspirações humanas “A propriedade privada nos fez tão cretinos e unilaterais que um objeto somente é nosso se o temos [...]” (MARX, 2015, p.327).

Sinteticamente, o processo de alienação é o processo de desumanização, em que o trabalhador não se evidencia como ser humano, mas apenas como uma mercadoria, um objeto livre a ser negociada e o seu produto não o pertence mais, pois a sua força de trabalho foi

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

comprada, logo o que o trabalhador produz pertence a quem comprou a sua força de trabalho, ou seja, ao capitalista.

O trabalho é exterior ao trabalhador, não pertence a sua essência, que ele não se afirma, antes se nega, no seu trabalho, não se sente bem mas desgraçado; não desenvolve qualquer livre energia física ou espiritual, antes mortifica o seu físico e arruína o seu espírito. Por isso, o trabalhador se sente, antes, em-si fora do trabalho e fora de si no trabalho. (MARX, 2015, p.308).

Nesta direção, o objetivo precípua do capitalismo, seja em que conjuntura ele se encontre, é a busca por lucros, possuindo por fundamento a potencialização das formas de exploração do trabalho:

A produção capitalista não é apenas produção de mercadoria, é necessariamente produção de mais-valia. O trabalhador produz não para si, mas para o capital. Não basta, portanto, que produza em geral. Ele tem de produzir mais-valia, apenas é produtivo o trabalhador que produz mais-valia para o capitalista ou serve à autovalorização do capital. (MARX, 1985, p. 105-6 apud LESSA, 2011, p.152).

As operações mais importantes do trabalho são reguladas e dirigidas segundo os planos e as especulações daqueles que aplicam os capitais; e a finalidade que eles tem em todos esses planos e operações é o lucro. (MARX, 2015, p.269).

Todavia, é na contemporaneidade que as formas de exploração do trabalho e as suas formas alienantes se intensificam, mais especificamente na transição do século XX ao XXI, em suma vivenciamos uma crescente degradação do trabalho.

## **2. DEGRADAÇÃO CRESCENTE DO TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE**

Como já visto, o trabalho no seu sentido ontológico tem por efeito, a objetivação da vida genérica humana, ou seja, propiciar as potencialidades verdadeiramente humanas, entretanto com a alienação do trabalho as potencialidades humanas são reduzidas em prol de uma dimensão particular/privada:

O objeto do trabalho é, portanto, a objetivação da vida genérica do homem, na medida em que ele se duplica não só intelectualmente, como na consciência, mas também operativamente, realmente, e contempla-se por isso num mundo criado por ele. Por isso na medida em que arranca ao homem o objeto da sua produção, o trabalho alienado arranca-lhe a sua vida genérica, a sua real objetividade genérica, e transforma sua vantagem sobre o animal na desvantagem de lhe ser retirado o seu corpo inorgânico, a natureza. (MARX, 2015, p.313).

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

Segundo Lessa (2011) “sem a crítica das alienações que tem na conversão da força de trabalho em mercadoria seu elemento fundante, a crítica do capitalismo perderia a sua base material.” (p.148), sendo assim, não apenas a exploração do trabalho se intensifica no capitalismo como consequentemente suas mediações se tornam mais alienantes.

Ademais, “[...] o caráter puro da sociabilidade burguesa possibilitou que a existência humana se alienasse numa intensidade e numa amplitude inédita na história” (LESSA, 2007, p.126), parte-se para especificidade da contemporaneidade no que concerne ao crescente desenvolvimento das relações capitalistas, o acúmulo e expansão do capital possuindo como alicerce a obtenção de lucros através do trabalho alienado, propagado através da crescente exploração e precarização atual do trabalho, que tem no trabalho assalariado a expressão recíproca de servidão e dominação:

[...] salário e propriedade privada são idênticos: porque o salário, donde o produto, objeto do trabalho, paga o próprio trabalho, bem como porque no salário o trabalho também não aparece como autofinalidade, mas como servidor do salário [...] toda a servidão humana esta envolvida na relação do trabalhador com a produção e todas as relações de servidão são apenas modificações e consequências dessa relação. (MARX, 2015, p.318-9).

Nas últimas décadas o trabalho vem sofrendo fortes rebatimentos, não é incomum observar relatos sobre prejuízos na saúde do trabalhador, adquiridos mediante a intensificação da exploração do trabalho em prol do aumento da produtividade e da lucratividade capitalista.

Para entender a crescente degradação que o trabalho vem assumindo na atual conjuntura, é necessário nos remetermos ao contexto do século XX-XXI em específico as organizações do trabalho<sup>3</sup> como meio de organizar a produção e influir nas relações sociais.

---

<sup>3</sup>[...] a organização do trabalho consolidou-se como uma área específica do conhecimento passível de ser acumulada, sistematizada, experimentada, compendiada e elaborada teoricamente por agentes que não fossem, necessariamente, os executores desse trabalho. Ao contrário, nas pesquisas empreendidas nos meios empresariais em sua grande maioria os agentes executores passaram a assumir o papel de variáveis dependentes em equações construídas mediante estudos da organização do trabalho feitos pelos agentes da administração (os quais

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

Nessa direção, temos a emergência do modelo fordista, produção rígida, que teve seu ápice no pós-guerra (1945), este modelo de produção teve por característica intensificar a exploração e o controle da força de trabalho através da produção em massa, em larga escala, no aumento dos ritmos e tempos de trabalho “pelo cronômetro voltado para garantir a produtividade, diminuir os custos de produção, destituir do trabalhador o controle sobre o processo produtivo, dirimir os conflitos entre trabalhadores e ampliar a extração do sobretrabalho.” (SOUZA, 2013, p.91).

Todavia, foi na década de 1970 do século XX, com a queda do fordismo e a emergência e ascensão do toyotismo que o trabalho sofreu uma exponencial degradação, em suas diversas dimensões:

[...] os anos de 1970 produzem uma serie de mudanças que incidem sobre a esfera da produção e da reprodução social. Os novos métodos gerenciais, derivados do modelo japonês, produzem uma nova cultura do trabalho [...] que tem na subjetividade umas das dimensões significativas na organização produtiva. A subordinação do trabalho baseada no padrão flexível assume contornos distintos daquele controle fordista rígido que prevalecera até os anos 1970. Os temas como excelência, motivação, carisma, ética, caráter, antes particulares ao universo privado das relações interpessoais, constituem, hoje, o centro da ofensiva da empresa. Há que se formar uma força de trabalho, que esteja motivada e mais adequada às inovações gerenciais e tecnológicas. Assim, o controle não é só objetivo; ele requer o domínio da subjetividade e se estende à sociedade, produzindo uma nova cultura, a cultura de adaptação, ou melhor, de adequação do trabalho as mudanças gerenciais. (SOUZA, 2011, P.161).

A crise que se inicia a partir de 1973 representou um marco para o capitalismo, uma vez que mostrou o desgaste do modelo Taylorista-fordista de produção, que não atendia mais as demandas da produção capitalista. No intuito de superar a crise de superprodução Taylorista-fordista, o modelo toyotista se converteu na nova alternativa que aplicaria a inovação tecnológica, a redução dos custos de produção e o aumento do tempo de trabalho

---

assumem, quando assalariados, o mesmo papel), visando o aumento da produtividade, ou seja, dos lucros empresariais. (PINTO, 2010, p.21-22).

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

excedente, o qual produz mais-valia, para retomar o crescimento da taxa de lucros, em queda desde o estopim da crise.

Esta nova organização da produção alterou a condição do trabalhador bruscamente em relação ao período anterior<sup>4</sup>, pois a intensificação do trabalho passou a ser empregada de maneira mais destrutiva. O toyotismo difundiu-se no Japão após a segunda guerra mundial como estratégia para reerguer a economia nas décadas de 1950 e 1970. O objetivo era tornar as empresas mais competitivas com as ocidentais aplicando a produção em série no país, porém adaptando as condições do arquipélago, em especial a falta de espaço físico e de força de trabalho (GOUNET, 1999).

Surge, assim, uma organização produtiva baseada na demanda, eliminando os desperdícios e o estoque. Além disso, oferecendo controle absoluto das ações realizadas pelos operários fabris, “de tal forma que seus supervisores podem mensurar os passos dados e distinguir aqueles que são produtivos dos improdutivos” (NETO, 2013, p.131). Dessa forma, o toyotismo possibilitou que já na década de 1970 a produção japonesa superasse as cifras norte-americanas, pois esta última empregava, ainda, o modelo Taylorista-fordista, e, portanto, sofria com as limitações produtivas impostas por tal modelo.

Em relação ao Taylorismo-fordismo, tal organização do trabalho possibilitou a ampliação da produção da mais-valia, pois seu emprego resultou no aumento da produção de mercadorias, com a estratégia da produção em massa. Entretanto, ao final da década de 1960 e início de 1970, havia uma enorme quantidade de estoques de mercadoria sem escoamento. Dessa condição eclodiu a crise, e para retomar o crescimento da taxa de lucro o capital usou como estratégia o ataque aos direitos trabalhistas de forma generalizada visando a redução dos custos com a força de trabalho. O emprego pleno e estável, típico do taylorismo-fordismo, foi

---

<sup>4</sup> Período de vigência do “Estado de Bem Estar Social” (nos países desenvolvidos) no qual a disseminação de leis, direitos trabalhistas e maior distribuição de renda foi fator primordial a retomada do desenvolvimento econômico pós segunda guerra mundial, por meio do favorecimento do consumo pela classe trabalhadora (MONTÃO; DURIGUETO, 2011).

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

aos poucos substituído por regimes de contratação flexíveis, sem garantias ou direitos trabalhistas.

A flexibilidade do aparato produtivo e a do trabalhador<sup>5</sup> são essenciais à perfeita adaptação às flutuações da produção. É essencial que exista um trabalhador polivalente, que opere várias máquinas ao mesmo tempo e que diminua “ao máximo o tempo de não-produção” (NETO, 2013, p. 27).

A automação das fábricas é de suma importância para a produção toyotista, mas não é funcional sem o toque humano sobre as máquinas automatizadas. Neto (2013) ressalta: “O desenvolvimento da informática permite que elas possam funcionar sozinhas, no entanto isso não é capaz de coibir a presença de pequenas anormalidades em seu sistema” (p. 136). Quando estas anormalidades ocorrem, a automação das máquinas possibilita a identificação do problema, porém quem o soluciona é o operário polivalente, que supervisiona várias máquinas, mas que só atua de forma pontual quando ocorre o problema, estando disposto a solucionar os empecilhos que surgirem no interior da produção, “como resultado, um trabalhador pode atender a diversas máquinas, tornando possível reduzir o número de operadores e aumentar a eficiência da produção” (OHNO, 1997, p.28).

Esta automação foi um grandioso “salto do tigre asiático” e à decadência da classe trabalhadora, que se torna desprovida de autonomia e torna-se multifuncional. Assim, diminui-se a demanda por operários. Acerca da automação, Ohno expõe:

Na Toyota, estabelecemos um novo objetivo: reduzir o número de operários. Para atingir a poupança de operários, implantamos a automação. [...] Em um período de baixo crescimento, precisamos primeiro quebrar este conceito de um número fixo de operários e depois estabelecer novas linhas de produção, flexíveis, onde o trabalho possa ser conduzido por menos operários, independentemente das quantidades a

---

<sup>5</sup> “[...] a flexibilização se expressa na diminuição drástica das fronteiras entre atividade laboral e espaço da vida privada, no desmonte da legislação trabalhista, nas diferentes formas de contratação da força de trabalho. [...] Pode ser percebida ainda, no dia a dia da atividade laboral, diante da forte sensação de que o tempo foi comprimido; ou também na clara densificação da jornada de trabalho, na qual todos se desdobram para executar sozinhos, o que antes era feito por dois ou mais trabalhadores. Além disso, é visível por meio dos bancos de dias e horas que ajustam a jornada às demandas flexíveis do mercado, assim como através da instituição de uma parcela variável do salário subordinada ao cumprimento de metas de produção e “qualidade”, entre outras formas e manifestação”. (PRAUN, 2014, p.125).

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

serem produzidas. Este é o objetivo da redução do número de operários (OHNO, 1997, p. 132).

A automação expropria o trabalhador de seu ambiente de trabalho, o referido sujeito é obrigado a se adaptar ao ritmo exaustivo, caso contrário será demitido e outro ocupará seu lugar e exercerá suas funções.

A automação associada ao just-in-time<sup>6</sup> faz com que o sistema funcione de forma otimizada, com zero desperdício e máxima eficiência. O modelo de gerenciamento do trabalho foi criado para diminuir o tempo necessário de produção e extrair o máximo de trabalho excedente produzido pelo operário. Ou seja, é uma forma modernizada de extração da mais-valia, a qual exige um profissional criativo, flexível, adaptável e proativo. Com o emprego do discurso participativo livre, o capital exerce um controle sutil, no qual o trabalhador subordina seu arbítrio totalmente aos objetivos da empresa (CARRASQUEIRA; BARBARINI, 2010). Não é preciso mais o empregador aplicar mecanismos e instrumentos de coerção e controle sobre o empregado, este último se autorregula, fiscaliza-se, cobra-se para colaborar voluntariamente com o crescimento da empresa.

É notória a submissão do trabalhador face ao sistema produtivo, fato que o obriga a ser partícipe do processo sem autonomia. É exposto diretamente a essa relação incongruente que causa um enorme impacto sobre a saúde física e mental da classe trabalhadora. Neste quadro de insegurança, os trabalhadores tornam-se ainda mais subordinados ao capital e não conseguem lidar com as sobrecargas, cobranças, entre outros processos presentes nos ambientes de trabalho, que deixam o trabalhador fragilizado (tanto fisicamente, quanto mentalmente), pois “[...] o sentimento de impotência e de desvalorização, que leva as pessoas pouco resistentes a degenerar-se rapidamente, avilta a si qualquer potencial humano que pudesse se somar” (HELOANI; CAPITÃO, 2003, p.103).

---

<sup>6</sup> Estratégia toyotista para a redução de custos na produção. Em livre tradução significa “na hora certa”, sua utilidade é esta relacionada a dimensão organizacional, ou seja, a empresa produz apenas aquilo que a demanda exige e em um tempo estabelecido, fazendo parte do atual conjunto das características das ditas empresas enxutas.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

Com a massiva exploração sobre o trabalhador, o seu organismo irá se desgastar, e como um sinal de que algo está errado, o próprio organismo irá gerar um mecanismo de defesa que dará origem a vários transtornos mentais, a exemplo de depressões, neuroses, psicoses, diversos tipos de ansiedades, descompassos em geral, dentre muitos outros.

O trabalhador que sintomatiza o transtorno mental é reconhecido pela queda de rendimento na produção ou pela sua ausência, devido ao processo de medicalização<sup>7</sup>. O método comumente usado (em grande maioria pelo setor privado) para tratar o adoecimento do trabalhador é a punição sistemática “[...] a exclusão imediata do trabalho. Basta acrescentar a esse mecanismo de exclusão certas técnicas de seleção de pessoal, para compreender que a seção de trabalho deve assegurar uma verdadeira ‘asepsia mental’.” (DEJOURS, 2000, p.120).

Ao fazer o levantamento sobre o sofrimento mental relacionado ao trabalho, Teixeira (*apud* SOUZA, 2012) afirma que no Brasil, em 2007, a terceira maior causa de concessão de benefícios previdenciários no país foram os transtornos mentais relacionados ao trabalho. Dados da Previdência Social em 2014 sinalizam que:

[...] doenças motivadas por fatores de riscos ergonômicos e a sobrecarga mental têm superado os traumáticos – como fraturas. Enquanto as primeiras, responsáveis pelos afastamentos por doenças do trabalho, alcançaram peso de 20,76% de todos os afastamentos, aquelas do grupo traumático, responsáveis pelos acidentes típicos, representaram 19,43% do total. Juntas elas respondem por 40,25% de todo o universo previdenciário.

Os dados exemplificam que o sofrimento mental adquiriu, nos últimos anos, uma dimensão cada vez mais significativa no adoecimento relacionado ao trabalho, Silva (2012) demonstra, por exemplo, como o sono dos trabalhadores é afetado por ciclos desregulados, nos quais o trabalhador fica acordado à noite, gerando fadiga que, por sua vez, desdobra-se em desânimo, irritabilidade, insônia, entre outras crises mentais agudas. Dentre outros fatores

---

<sup>7</sup> “[...] o trabalhador deverá apresentar um atestado médico, geralmente acompanhado de uma receita de psicoestimulantes ou analgésicos” (DEJOURS, 2000, p.121).

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

que impõem sofrimento mental ao trabalhador está o medo: do esgotamento, de acidentes no trabalho, de não dar conta da tarefa, intoxicações, etc.

A intensificação e o controle que tem se evidenciado nas últimas décadas sobre o trabalho, derivada da reestruturação produtiva, pós-crise de 1970, está agudizando cada vez mais a degradação sobre a saúde do trabalhador. Observa-se que o trabalho sob os moldes organizacionais toyotistas tem estimulado significativamente o crescente adoecimento do trabalhador, em detrimento de uma maior produtividade e lucratividade para o capitalista.

### 3.O SUICÍDIO: A PERDA DO SENTIDO PARA A VIDA

O ponto mais extremo do processo de sofrimento mental do trabalho chega quando o trabalhador comete o suicídio<sup>8</sup>, sendo o toyotismo um elemento intensificador dessa prática. Foi a partir deste modelo de organização do trabalho que emergiu o *Karoshi* e o *karo-jisatsu*<sup>9</sup>.

O termo *Karoshi*, como forma de identificar o suicídio ou a morte súbita pela sobrecarga de trabalho, foi cunhado oficialmente na década de 1980, porém seus relatos são registrados no seu país de origem, o Japão, desde a década de 1960. Uehata (1990) conceitua o termo como uma

[...] condição na qual o processo de trabalho psicologicamente mórbido/insano é levado a um ponto, que provoca rupturas nos ritmos de trabalho e na vida dos trabalhadores levando ao desenvolvimento de fadiga no corpo/organismo e a uma crônica condição de sobrecarga de trabalho acompanhada pela piora de preexistente alta de pressão sanguínea e endurecimento das artérias, resultando, finalmente, em colapso fatal (UEHATA *apud* FRANCO, 2002, p. 150).

O suicídio é a expressão radicalizada da deterioração das condições de trabalho sob a vigência da gestão flexível. Ele, e todo o sofrimento que o cerca, encontra espaço para se desenvolver na medida em que o trabalhador se vê diante de uma organização de trabalho voltada para o controle acentuado de sua atividade, em que as margens para a autonomia e o

---

<sup>8</sup> Não afirmamos aqui que, como regra, o adoecimento mental relacionado ao trabalho inevitavelmente resulta em suicídio, mas que este último em geral é precedido por alguma desordem psíquica que pode levar ao suicídio.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

improviso tenham sido gradativamente eliminadas. Uma organização do trabalho que oscila o tempo todo entre o discurso de valorização e o controle físico e mental extremados. (PRAUN, 2014).

Nessa direção, para Netto (2013), o processo de reestruturação produtiva e suas novas formas de gestão da força de trabalho levaram ao incremento da quantidade de suicídios. No Japão “o número de suicídios em 1999 foi três vezes maior do que o número das mortes devido a acidentes automobilísticos” (GUIMARÃES; CAETANO, 2004, p.81).

Essa relação pode ser constatada por meio da crescente intensificação que o trabalho assumiu nas últimas décadas, expresso em especial pelas intensas jornadas de trabalho. Em “[...] um universo de 60 milhões de trabalhadores no Japão [...], aproximadamente 10 milhões trabalham brutalmente 3.000 horas/ano, constituindo a população potencial sob risco de *karoshi*” (FRANCO, p.153, 2002), outros exemplos mais recentes podem ser verificados em publicações na mídia jornalística, como O Globo (2015): “no Japão, trabalhador passa 78 horas no escritório e apenas 35 dormindo em 6 dias”; BBC (2016): “Morrer de tanto trabalhar gera debate e onda de indenizações no Japão”; Folha (2016): “Suicídio por excesso de trabalho leva à renúncia de empresário japonês”, indo de contra ao que é sugerido pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), que orienta, por meio de convenções, a uma carga horária de no máximo 40 horas semanais, equivalente a 8 horas diária de trabalho com descanso nos finais de semana, mas em alguns países como no Brasil essa carga horário legalmente é ultrapassada, na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) verifica-se que o trabalhador pode possuir no máximo uma carga horária de 44 horas semanais.

Netto (2013) cita outro caso no qual foram registrados 60 suicídios durante a privatização da empresa francesa de telecomunicações France Télécom. Na empresa francesa de serviço postal “La Poste” houve 17 suicídios em 2010 e 11 entre 2011 e início de 2012. Nestes casos esteve presente como fator preponderante o assédio moral no trabalho, como mostrado por uma das vítimas em suas últimas palavras: “por três anos, eu tive a impressão de estar sendo assediado e acuado por meus superiores” (La Poste *apud* Netto, 2013, p. 133).

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

No Brasil, Netto (2013) cita o importante estudo de Xavier (1998), onde são relatados aproximadamente 72 suicídios entre 1993 e 1995, apenas no serviço bancário. Uma das vítimas é categórica em sua última nota ao falar sobre um dado caso de suicídio: “não tem ninguém culpado, a não ser o Baneb, pois não suporto mais esta vida de cão. Por favor, não condenem ninguém da minha família. Adeus” (NETTO, 2013, p. 129).

Também chama a atenção o suicídio entre os trabalhadores de zonas rurais, que entre 1999 e 2009 chegou a 1.876 mortes registradas, em especial pela ingestão dos agrotóxicos que os trabalhadores utilizam em seu dia a dia (BOMBARDI *apud* NETTO, 2013).

Dessa maneira, é notória a relevância que o suicídio vem assumindo no mundo do trabalho como sequela da crescente exploração da força de trabalho, especialmente no nexo temporal da década de 1980 até a contemporaneidade, período marcado pela generalização do modelo toyotista de produção, propagado por seu cariz fetichizado de “[...] asséptico, harmonioso e eficiente [...]” (FRANCO, p.142, 2002).

Deve ficar claro que apesar do suicídio por excesso de trabalho (ou *karoshi*), possuir como elemento desencadeador central as intensas jornadas de trabalho incrementadas pela microeletrônica e os avanços tecnológicos incorporados e disseminados pela organicidade toyotista não faz com que esse fator (a exaustiva jornada de trabalho) seja o único interveniente na produção desse fenômeno.

Outros elementos catalisadores podem ser expressos através das condições objetivas externas e internas ao ambiente de trabalho, como exemplo: a falta de lazer, as interferências na mobilidade da moradia para o trabalho, o isolamento familiar derivado da desterritorialização das empresas empregadoras - comumente conhecida como transferência solitária, dentre outros.

O suicídio derivado da intensa relação de exploração da força de trabalho potencializada por meio da organização toyotista de produção com vista a uma maior acumulação e centralização de capitais tem tomado expressões variadas no mundo, como afirma Silva (2013):

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

A morte por excesso de trabalho, na atualidade, é um fenômeno que tem se estendido a outros países asiáticos, como a China, país onde esse tipo de morte é denominada de *guolaosi* e que tornou notícia em todo o mundo por conta do suicídio por sobrecarga de trabalho de nove empregados jovens da empresa que produz e monta o Ipad e outros produtos da empresa Apple (SILVA, 2013, p.74).

O suicídio, oriundo da exploração do trabalho, assume dimensões tão significativas, na atual conjuntura, que a OMS (Organização Mundial da Saúde) e conseqüentemente o MS (Ministério da Saúde) assumiram as manifestações como caso de saúde pública.

O ministério da Saúde apresentou uma Estratégia Nacional para prevenção do Suicídio, com isso foi publicado as Diretrizes Nacionais para prevenção do Suicídio – Portaria Nº 1.876/GM de 14 de agosto de 2006. O manual de prevenção de suicídio organizado pelo ministério da Saúde em outubro de 2006 segue as mesmas diretrizes da OMS, e considera como possíveis fatores de risco do suicídio os transtornos mentais, sociodemográficos, psicológicos e condições clínicas impactantes (CERIBINO; MARTINS, 2013, p.71).

Outro dado relevante é que “[...] de acordo com a OMS, a perda do emprego, mais do que fato de estar desempregado, foi associada com suicídio” (NETTO, 2013, p.139). Ou seja, a possibilidade de ser inserido na superpopulação relativa é mais um elemento de coerção ao trabalhador. “[...] o exército industrial de reserva cumpre a função de colocar os trabalhadores empregados numa situação de terem que se submeter a determinadas condições para garantir seu ganha-pão.” (NETTO, 2013, p.139)

Essa opressão pode ter como consequência os seguintes dados “[...] no que se refere aos jovens e idosos, a OMS afirma que a taxa de suicídios tem picos: os jovens (15-35 anos); os velhos (mais de 75 anos)” (NETTO, 2013, p.139).

Parafraçando Marx (2006), o suicídio não é, de modo algum, antinatural. Diariamente somos suas testemunhas. Embora não muito divulgado, é um fenômeno que acontece com muita frequência. Podemos considerar que está na natureza da sociedade capitalista gerar suicídios.

## **4. TRABALHO, DESEMPREGO E SUICÍDIO: UMA POSSÍVEL RELAÇÃO**

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

Marx (1988), em seus escritos, destacou a realidade do grande número de trabalhadores desempregados presente na ascensão da grande indústria, ou seja, nos mostrou que a introdução da maquinaria trouxe uma concorrência maior entre os trabalhadores, bem como a redução dos salários, além de ocasionar graves problemas econômicos e sociais. Tal realidade continua presente na contemporaneidade, mas de forma mais intensa e manipulada, pois:

Na atualidade, a ordem do capital, ao mesmo tempo em que realiza mudanças produtivas, tecnológicas e organizacionais, agrava a condição do trabalhador. Há um conjunto de inseguranças no mundo do trabalho, apresentando um mal-estar geral à classe trabalhadora. O trabalhador depara-se com as mais drásticas representações de desemprego, subemprego e aviltamento salarial, sendo obrigado, para manutenção da sua vida, a aceitar as precárias condições de trabalho (LARA; CANOAS, 2010, p. 140).

O capital utiliza-se de várias estratégias para conservar o seu sociometabolismo, nem que para isso seja necessário produzir a miséria humana que atinge, em especial, a classe trabalhadora que tem sofrido com as consequências.

Então, para garantir sua supremacia o capital tem eliminado todos os tipos de barreiras que impeçam seu crescimento e reprodução, assim tem garantido a dominação e o controle do mercado interno e externo, inclusive a livre comercialização da força de trabalho. Ao passo que o capital avança, as consequências são cada vez mais desumanas, pois vem transformando os seres humanos em meras mercadorias para satisfazer as necessidades do próprio sistema. Assim, verificamos segundo Mészáros (2004, p. 08) que:

Através da redução e degradação dos seres humanos ao status de meros “custos de produção” como “força de trabalho necessária”, o capital pode tratar o trabalho vivo homogêneo como nada mais do que uma “mercadoria comercializável”, da mesma forma que qualquer outra, sujeitando-a às determinações desumanizadoras da compulsão econômica.

Diante dessas mudanças a classe trabalhadora sofre especialmente com o desemprego que continua presente e crescente no modo de produção capitalista, mesmo em suas diferentes

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

formas de gestão e organização, a exemplo do Welfare State<sup>10</sup>, que não eliminou tal questão, mas que foi agravada posteriormente com a reestruturação produtiva.

O mundo do trabalho passa por mutações, em especial a classe trabalhadora que teve o proletariado fabril drasticamente diminuído depois da retração do modelo taylorista-fordista que vem “[...] dando lugar a formas desregulamentadas de trabalho, reduzindo fortemente o conjunto de trabalhadores estáveis” (ANTUNES; ALVES, 2004, p. 03), sendo este novo modelo produtor de novas modalidades de trabalhadores como: terceirizados, subcontratados, dentre outras.

Sendo assim, outras contradições se evidenciam no mundo do trabalho na sociabilidade capitalista contemporânea mundializada e financeirizada, em que:

[...] quanto maior é a incidência do ideário e da pragmática na chamada “empresa moderna”, quanto mais racionalizado é seu *modus operandi*, quanto mais as empresas laboram na implantação das “competências”, da chamada “qualificação”, da gestão do “conhecimento”, do sistema de “metas”, mais intensos parecem tornar-se os níveis de degradação do trabalho (no sentido da perda de liames e da corrosão dos mecanismos de regulamentação e contratação) para uma parcela enorme de trabalhadores e trabalhadoras (ANTUNES, 2011, p. 23).

É dessa forma que o capital, se desfazendo de parcela dos trabalhadores e intensificando e modernizando o sistema produtivo, garante a lucratividade da produção, adotando cada vez mais tecnologias nas empresas e reduzindo o custo com a força de trabalho (ANTUNES, 2011). Assim, mesmo não substituindo a força de trabalho por completo, passa a exigir cada vez mais qualificação.

Com isso, o capitalismo precariza e manipula os trabalhadores que permanecem nas fábricas através de discursos de colaboradores, sócios, dentre outros, que reduzem os conflitos e passam maiores responsabilidades para os trabalhadores. Entretanto, aqueles que estão desempregados cabem no discurso do empreendedorismo, empregos informais ou a mera

---

<sup>10</sup> Referimo-nos ao período de predomínio do Welfare State ou estado de bem-estar social, ocorrido nos países de capitalismo central, cujo direcionamento se deu por meio da intervenção direta e indireta do Estado que sustentava uma rede de proteção social (MONTAÑO; DURIGUETTO, 2011).

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

filantropia. Logo, se evidencia que está cada vez mais frequente o fato de homens e mulheres aptos ao trabalho não encontrarem emprego, tendo que se submeter a qualquer área empregatícia que lhe surge e que seja o suficiente para a manutenção de suas condições de vida.

Diante desta gama de situações contraditórias, os trabalhadores sofrem com as pressões externas próprias do ambiente de trabalho (jornadas in/extensas, baixos salários, acúmulo de funções, etc.) e internas provenientes de sentimentos diversos (insegurança, medo, ansiedade, etc.), estes dois fatores juntos trazem a tona uma variedade de sentimentos que associados podem levar o trabalhador ao extremo, ou seja, ao suicídio.

O desemprego no modo de produção capitalista é um elemento estrutural, faz parte da sua essência. Logo, se o desemprego é inerente a essa sociabilidade, os ideais de pleno emprego tratados nos anos de 1930 pelo Welfare State não passam de falácias, e o principal fato que fundamenta essa afirmativa é que possuímos como base da atual sociabilidade a desigualdade.

Assim, percebe-se que do ponto de vista do capital que é gerador de desigualdades sociais, nem todos terão oportunidades nessa sociedade. Todavia, esse fator por si só não é suficiente para caracterizar a relação entre desemprego e suicídio, se fazendo necessário o aprofundamento desta relação. O primeiro elemento que deve ser observado é que o trabalho no seu sentido ontológico é um meio pelo qual o ser social irá ser modificado, ou seja, o trabalho irá desenvolver as habilidades físicas e mentais, responder a uma necessidade social, suprir todas as necessidades individuais e coletivas, sofisticar a sociedade, desta forma será o meio pelo qual o homem se distinguirá dos outros animais.

Porém, a sociabilidade capitalista vai degradar esse sentido do trabalho, deteriorando-o e muitas vezes obliterando-o, por meio da apropriação da força de trabalho pelo capital, tornando-o alienado, ou seja, o trabalho não exercera seu ideal libertador quando esse era utilizado para suprir uma necessidade individual e/ou coletiva, mas no capitalismo o trabalho

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

apenas vai ser utilizado para suprir as necessidades de outros (patrão), tornando-se alienado e gerador de desumanidade.

Outro elemento que auxiliará na crescente alienação do trabalho, como já tocado, são as organizações do trabalho, meio pelo qual o trabalho alienado vai ser gerenciado, favorecendo a crescente intensificação do trabalho pelo capital com o objetivo de obter cada vez mais lucros, trazendo um grande prejuízo para a saúde do trabalhador, levando-os muitas vezes a “atitudes” extremas, assim como o relato abaixo:

[...] o sofrimento de funcionários da France Telecom que chegou ao extremo. Após uma série de mudanças organizacionais na empresa, que foram desencadeadas pela privatização da maior parte dela, o ritmo de trabalho (acúmulo de funções) e a instabilidade no emprego (ou mudanças constantes de função ou a eminência da demissão) gerou uma espécie de pânico entre os funcionários. As consequências disso resultaram, dentro de um período de 18 meses (fevereiro de 2008 a setembro de 2009), em 24 suicídios de funcionários da empresa, sem contar as tentativas que não levaram a óbito. Segundo reportagem de Philippe Brochen (do jornal *Libération*), tal número pode ser considerado uma epidemia de suicídios que está afetando os assalariados daquela empresa. Esses acontecimentos são fortes indicadores de que o problema não ocorre isoladamente em cada sujeito trabalhador, mas, muito provavelmente, esta na forma de gerenciamento desta empresa. (CAPOULADE, et al, 2010, p. 07-08).

Percebe-se que o suicídio não acontece apenas pela situação de desemprego, mas também ocorre, quando há uma extrema exploração do trabalhador. Todavia, o trabalhador tem consciência de que a sua expropriação ajuda a agudizar o seu sofrimento. Como sustenta Capoulade, et al (2010), baseando-se nas ideias de Bernardo (2009):

[...] os trabalhadores tem plena consciência de que as exigências, o ritmo e toda a estrutura à qual estão submetidos podem lhes causar vários danos à saúde, fato explícito nos diversos relatos que a autora apresenta, no quais os trabalhadores citam colegas de trabalho que tiveram inúmeros problemas de saúde física e mental. São flagrantes ainda as alusões de temor ao desemprego, e a forma como o 'estar empregado', ainda que em uma função que exija esforços sobre humanos, é apontado como preferível a emprego algum – o desemprego. Ou seja, estes trabalhadores estão inseridos numa lógica que, muitas vezes, aponta como alternativa ao trabalho penoso apenas o desemprego. (CAPOULADE, et al, 2010, p. 08).

Quando ocorre o momento em que o trabalhador adentra no exército industrial de reserva, tornando-se oficialmente desempregado, uma carga social e psicológica recai sobre

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

esse, nessa fase há o surgimento e potencialização da depressão e do desespero, principalmente quando o desempregado era o mantenedor da sua família, ou seja, quando tinham outros membros que dependiam do seu salário para se manter, nesses casos muitos indivíduos acabam por escolher a opção mais extrema para se livrar de todos esses infortúnios. Logo, à respeito do desemprego Pochmann (2006, p. 60-61), comprova que:

O Brasil, em 2002, ocupou o quarto lugar no ranking mundial de desemprego apenas abaixo da Índia, Indonésia e Rússia no quesito total de desempregados, o país era responsável por 3,1% da força de trabalho mundial e recebia 6,6% do desemprego [...] Neste início de século XXI, o país ainda pertence ao grupo com maior quantidade de desempregados no mundo. Ademais o desemprego continuou crescente, absorvendo parcelas da força de trabalho nacional [...] até o final da década de 1980. Conforme as estatísticas oficiais, o desemprego era relativamente baixo no Brasil. A partir de 1990, a quantidade de pessoas sem emprego e procurando por um posto de trabalho ganhou forte relevância, sem paralelo com qualquer período de tempo anterior.

Dados relevantes colocados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e publicado em artigos na folha de São Paulo, explicita o aumento de suicídios ocorridos no Brasil de 1997 a 2011, estes dados nos mostram que 26 brasileiros morrem por dia, um aumento de aproximadamente 30% no acometimento de suicídios nos últimos 25 anos. O País ocupa a septuagésima terceira colocação entre os países em que a população mais comete suicídio, assim é um verdadeiro contrassenso em relação à queda da taxa de suicídios nos países desenvolvidos (BIDERMAN, 2013).

Não é possível distinguir até onde esses dados tem relação direta com o desemprego e com outras variáveis, porém a Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 2014 publicou algumas estimativas sobre a nova epidemia de desemprego que atingirá os países emergentes, entre eles o Brasil. Nas estimativas anteriores, segundo a OIT, a taxa de desemprego no Brasil foi de 6,3% no final de 2012, com presunção de aumento em 6,5% em 2013 e, em 2014 de 6,6%, a maior desde 2009, que seria acima da média mundial. No final do ano de 2012, existiam 6,5 milhões de desempregados no Brasil, com estimativas de atingir,

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

em 2013, a marca de 6,9 milhões. Em 2014, o desemprego atingiria 7 milhões de brasileiros (CHADE, 2013).

Então a estimativa é que o desemprego aumente nos países emergentes, inclusive no Brasil, no período entre 2013 – 2017, pois, constata-se que as economias latino americanas não crescerão suficientemente para absorver um número maior de trabalhadores. O desemprego na América Latina crescerá, entre 2014 - 2017 atingindo a marca de 6,8%. Assim, a hipótese é que as taxas de suicídios são derivadas do estrangulamento do trabalhador pela ameaça do desemprego e que isso só venham a se intensificar nos próximos anos (CHADE, 2013).

Porém, o suicídio pode também estar ligado ao desemprego quando temos um período de crise econômica financeira como comprova o estudo da revista científica *British Medical Journal*. A publicação analisou dados de 54 países, incluindo países da América Latina e comprovou que após o ano de 2008 com a crise econômica global, provocada pelo colapso do crédito e dos mercados imobiliários nos Estados Unidos, o percentual de suicídio aumentou cerca de 3,3% entre os homens, demonstrando uma elevação maior nos países que mais perderam empregos (BBC BRASIL, 2013).

No ano de 2009, o desemprego subiu para 37% e ocorreu uma queda de 3% no PIB (Produto Interno Bruto) per capita, que representou um reflexo da crise econômica do ano anterior. Neste ano, houve 5 mil suicídios a mais do que o número previsto, esse aumento pôde ser verificado em estudos feitos em 27 países europeus e em 18 países das Américas demonstrando que:

Na Europa, os suicídios aumentaram mais entre os homens de 15 a 24 anos, enquanto que nas Américas a alta foi maior entre o grupo de 45 a 64 anos. Por outro lado, a taxa de suicídio entre as mulheres não mudou na Europa e registrou um pequeno aumento nas Américas (BBC BRASIL, 2013, s/p).

Portanto, indagou-se que a relação de estresse emocional provocado pela recessão econômica e o ato de suicídio pode ser provavelmente uma relação de causa e efeito e que esse aumento da taxa de suicídio pode também estar ligada a outros fatores como confirmam

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

ONGs europeias de apoio à saúde mental. Assim, fica de fato comprovado que este é um fator relevante no qual entidades governamentais precisam levar em consideração e intervir urgentemente (BBC BRASIL, 2013).

Dados atuais devem nos manter em alerta. Recentemente, estudos mostram que no ano de 2015 a taxa de desemprego subiu. No segundo trimestre deste ano, de acordo com os dados divulgados em agosto de 2015 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, chegou a estimativa de 8,3%. Porém, no ano de 2016 a taxa de desemprego não retraiu, o quarto trimestre fechou com uma taxa média de 12%, cerca de mais de 12 milhões de brasileiros sem emprego “o número representa um aumento de 2,7% em relação ao trimestre de julho a setembro e de 36% na comparação com o último trimestre de 2015” (G1, 2017). Esta taxa de desemprego se configura como a maior, da série histórica, que já se iniciava no ano de 2012. Como sustentam Caoli e Cavallini (2015), baseados nos dados do IBGE, a população que está desempregada, em números de 8,4 milhões de pessoas, subiu para 5,3% em relação ao primeiro trimestre e, em relação ao 2º trimestre de 2014, subiu para 23,5% (CAOLI E CAVALLINI, 2015). Em 2016 essas taxas se mostraram ascendentes superando as porcentagens já elencadas, totalizando uma alta de 37% “em 2016, a taxa média de desemprego ficou em 11,5%, depois de atingir 8,5% no ano anterior. O número de desempregados subiu 8,6 milhões, na média de 2015, para 11,8 milhões em 2016 – uma alta de 37%.” (G1, 2017). Neste mesmo período o Brasil, segundo o ranking elaborado pela Austing Ranting e divulgado pelo G1 (2017), colocou o Brasil no sétimo lugar dentre os países com maiores taxas de desemprego “[...] o desemprego no Brasil é o 7º maior do mundo em termos percentuais, junto com a Itália, segundo ranking global elaborado pela agência de classificação de risco brasileiro Austin Rating.” (G1, 2017).

Dados de 2015 mostraram que no Brasil existiam cerca de 38,7% de pessoas que estavam em idade de trabalhar, mas que eram designadas como população fora da força de trabalho, que não estavam nem inseridas e nem mesmo desocupadas. Em sua maioria estavam as mulheres que no 2º trimestre de 2015, contavam cerca de 65,8%. Aproximadamente, dentro desta categoria, 35,1% eram idosos (de 60 anos de idade em diante) e os que tinham idade menor que 25 somavam

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

28,8% e adultos entre 25 e 59 anos, contavam 36,1%. Sendo assim, com relação a taxa de desemprego as estimativas foram de 7,1% com relação a homens, 9,8% com relação as mulheres e no que se refere a pessoas jovens de 18 a 24 anos estimou-se 18,6%, apresentando uma taxa alta relacionada à taxa média total 8,3% (CAOLI E CAVALLINI, 2015). Dessa forma, isso se torna um alerta para a questão da saúde mental relacionada à problemas como o desemprego.

Tão logo, é possível comprovar como essa sociabilidade é desumana, apesar de conter as forças produtivas mais avançadas da história e possuir a capacidade de suprir todas as necessidades fisiológicas do ser humano. Em contrapartida, tal dimensão não é alcançada justamente pelo elemento posto anteriormente que esta na base do capitalismo, ou seja, a desigualdade social.

É justamente e somente com os antagonismos que se configuram no sistema capitalista que este modo de produção consegue se sustentar. É através da geração da desigualdade, fruto do conflito poderoso entre o capital e o trabalho no qual refrata todas as mazelas sociais que conhecemos, como o desemprego e suas consequências já mencionadas nesse artigo, que podemos observar parte dos trabalhadores aptos ao trabalho atirando-se ao “mundo do suicídio”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contemporaneidade o desemprego tem alcançado proporções enormes que acarretam vários prejuízos para sociedade, em especial para classe trabalhadora que necessita vender sua força de trabalho para sobreviver. Assim, ao estar desempregado o trabalhador perde sua referência social, de um ser ativo para a sociedade, caindo nas teias da alienação, da qual ele precisa produzir para ser encaixado nos padrões sociais imposto pela sociedade.

Estando desempregado o trabalhador acaba por perder essas referências, ou seja, é visto muitas vezes como um desocupado, um peso para a sociedade, principalmente quando esse é o provedor da família, sendo conseqüentemente estigmatizado socialmente e carregado de culpa por esse infortúnio do desemprego, que é um elemento estrutural da sociedade

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

capitalista. Nesse processo o trabalhador frequentemente se entrega a vícios ou a depressão, o que acarreta muitas vezes a uma atitude extrema que é o suicídio, verificando que essa relação desemprego e suicídio esta intrinsecamente relacionada à lógica desumana do modo de produção capitalista.

Nesse sentido o suicídio é uma forma extremada que o trabalhador - sobrecarregado de estigma e culpa por estar desempregado - encontra para dar solução aos seus problemas. Desta maneira, percebe-se que o trabalhador é quem se responsabiliza por seus problemas que em geral, não são gerados pelo mesmo, mas sim pela ordem burguesa, dentro de um sistema complexo de exploração e dominação da classe trabalhadora.

Portanto, o desemprego é uma categoria vista diversas vezes por um ângulo empírico das ciências positivistas que não chega a perceber o peso que está por trás desta relação, precisamente no processo em que leva aos trabalhadores ao suicídio, processo que está relacionado a exploração e a opressão comum ao modo de produção capitalista.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **DESENHANDO A NOVA MORFOLOGIA DO TRABALHO: AS MÚLTIPLAS FORMAS DE DEGRADAÇÃO DO TRABALHO.** In: PLANCHEREL, A. A.; BERTOLDO, E. (org.). Trabalho e capitalismo contemporâneo. São Paulo: Cortez, 2011. p.19-36.

ANTUNES, R; ALVES, G. **AS MUTAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO NA ERA DA MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL.** Educ. Soc., Campinas, v. 25, n. 87, 2004. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21460.pdf](http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21460.pdf)> Acesso em: 22/03/2017

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

BBC BRASIL. **ESTUDO LIGA AUMENTO DE SUICÍDIOS À CRISE GLOBAL**. 2013.

Disponível em:

<[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/09/130918\\_crise\\_economica\\_suicidio\\_lgb](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/09/130918_crise_economica_suicidio_lgb)>

Acesso: 13/03/2017.

BIDERMAN, I. **TAXA DE SUICÍDIO ENTRE JOVENS CRESCE 30% EM 25 ANOS NO BRASIL**. Folha de São Paulo: 2013. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2013/06/1292216-para-cineasta-que-fez-filme-sobre-suicidio-da-irma-desinformacao-leva-a-tragedia.shtml>>

Acesso em: 13/03/2017.

CAOLI, Cristiane; CAVALLINI, Marta. **DESEMPREGO NO SEGUNDO TRIMESTRE DE 2015 TEM A MAIOR TAXA DESDE 2012**. G1: Rio de Janeiro e São Paulo, 2015. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/08/desemprego-ficou-em-83-no-segundo-trimestre-de-2015-diz-ibge.html>>

Acesso em: 08/03/2016.

CAPOULADE, F.; BULL, S.; BERNARDO, M. H.. **SAÚDE MENTAL, TRABALHO E DESEMPREGO**. In: Anais do VII seminário do trabalho: trabalho, educação e sociabilidade, 24 a 28 de Maio de 2010. Disponível em: <<http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/trabalhos-completos-viist-2010.html>>

Acesso em: 22/03/2017.

CARRASQUEIRA, Flora Allain e BARBARINI, Neuzi. **PSICODINÂMICA DO TRABALHO: UMA REFLEXÃO ACERCA DO SOFRIMENTO MENTAL NAS ORGANIZAÇÕES. JORNADA DE SAÚDE MENTAL E PSICANÁLISE DA PUCPR**. Curitiba, v. 5, n. 1, nov. 2010.

CERIBINO, Andréia; Martins, William Vieira. **A BARBÁRIE E A SOCIABILIDADE ATUAL MARCADA PELA DESUMANIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DO SUICÍDIO COMO EXPRESSÃO DA QUESTÃO SOCIAL**. Monografia (Graduação) - Centro Universitário FMU, São Paulo, 2013.

CHADE, J. **DESEMPREGO DEVE VOLTAR A CRESCER NO BRASIL, ALERTA OIT**. Estadão: São Paulo, 2013. Disponível em:

<<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,desemprego-deve-voltar-a-crescer-no-brasil-alerta-oit,141369e>>

Acesso em: 13/03/2016.

DEJOURS, Christophe. **A LOUCURA DO TRABALHO: ESTUDO DE PSICOPATOLOGIA DO TRABALHO**. Trad: Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. – 5º ed. Ampliada - São Paulo: Cortez – Oboré, 2000.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

Folha de São Paulo. **SUICÍDIO POR EXCESSO DE TRABALHO LEVA À RENÚNCIA DE EMPRESÁRIO JAPONÊS.** Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/12/1845766-suicidio-por-excesso-de-trabalho-leva-a-renuncia-de-empresario-japoneses>> Acesso em: 22/03/2017

G1. **DESEMPREGO FICA EM 12% NO 4º TRIMESTRE DE 2016 E ATINGE 12,3 MILHÕES.** Disponível em:<<http://g1.globo.com/economia/noticia/desemprego-fica-em-12-no-4-trimestre-de-2016.ghtml>> Acesso em 24/03/2017

FRANCO, Tânia. **KAROSHI: O TRABALHO ENTRE A VIDA E A MORTE.** Caderno CRH, Salvador, n.37, p.141-161, 2002.

GOUNET, Thomas. **FORDISMO E TOYOTISMO NA CIVILIZAÇÃO DO AUTOMÓVEL.** Trad: Bernardo Jofilly. Ed. Boitempo; São Paulo, 1999.

GUIMARÃES, Liliana Andolpho Magalhães; CAETANO, Dorgival. **KAROSHI: A MORTE POR SOBRECARGA DE TRABALHO.** In: Série saúde mental e trabalho. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

HELOANI, José Roberto; CAPITÃO, Cláudio Garcia. **SAÚDE MENTAL E PSICOLOGIA DO TRABALHO.** Rev. São Paulo em Perspectiva. 17, n. 2. São Paulo: 2003

KATZ, Claudio. Origem e função do controle patronal. In: KATZ, Claudio, et al. **NOVAS TECNOLOGIAS CRÍTICA DA ATUAL REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA.** São Paulo: Xamã, 1995.

LARA, R.; CANOAS, J. W. **TRABALHO, ENVELHECIMENTO E DESEMPREGO.** In: LOURENCO, E.; NAVARRO V.; BERTANI I.; SILVA, J. F. S.; SANT'ANA, R. (Org.). **Avesso do trabalho II: trabalho, precarização e saúde do trabalhador.** 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

LESSA, Sergio. **PARA COMPREENDER A ONTOLOGIA DE LUKÁCS.** Ijuí: Unijuí, 2007.

\_\_\_\_\_. **TRABALHO E PROLETARIADO NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO.** São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_.; TONET, IVO. **INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DE MARX.** São Paulo: Expressão Popular – 2011. Disponível em:<<http://sergiolessa.com.br/uploads/7/1/3/3/71338853/introdufilomarx.pdf>> Acesso em 10/03/2017

MARX, K. **O CAPITAL.** São Paulo: Nova Cultural, Vol. 2, 1988

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

\_\_\_\_\_. **CADERNOS DE PARIS & MANUSCRITOS ECONOMICOS-FILOSOFICOS DE 1844.** São Paulo: Expressão Popular, 2015.

\_\_\_\_\_. **SOBRE O SUICÍDIO.** São Paulo: Boitempo, 2006.

MÉSZÁROS, I. **A CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL.** Tradução de Alvaro Bianch. Revista Outubro, 2004. Disponível em: <[www.revistaoutubro.com.br/edicoes/04/out4\\_02](http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/04/out4_02)> Acesso em: 22 /03/ 2017

\_\_\_\_\_. **A TEORIA DA ALIENAÇÃO EM MARX.** São Paulo: Boitempo, 2011.

MONTAÑO, C.; DURIGUETTO, M. L. **ESTADO, CLASSE E MOVIMENTO SOCIAL.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NETTO, N. B. **SUICIDIO E TRABALHO: BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE SOFRIMENTO E ALIENAÇÃO.** In: LOURENÇO, E. A. de S.; NAVARRO, V. L. O avesso do trabalho iii: saúde do trabalhador e questões contemporâneas. 1ª ed. São Paulo. Ed. Novas Expressões, 2013.

OHNO, Taiichi. **O SISTEMA TOYOTA DE PRODUÇÃO: ALÉM DA PRODUÇÃO EM LARGA ESCALA.** Trad: Cristina Shumacher. Porto Alegre: Bookman, 1997.

POCHMANN, M. **DESEMPREGADOS DO BRASIL.** In: ANTUNES, R. (org.). Riqueza e miséria do trabalho no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2006.

PRAUN, Lucieneida Dovão. **NÃO SOIS MÁQUINA! REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E ADOECIMENTO NA GENERAL MOTORS DO BRASIL.** Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Departamento de Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

SILVA, José Antônio Ribeiro de Oliveira. **A FLEXIBILIZAÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO E SEUS REFLEXOS NA SAÚDE DO TRABALHADOR.** In: LOURENÇO, Edvânia Ângela de Souza; NAVARRO, Vera Lucia. O avesso do trabalho III saúde do trabalhador e questões contemporâneas. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

SOUZA, Diego de Oliveira. **A QUESTÃO DA SAÚDE DOS TRABALHADORES NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-ONTOLÓGICA.** Dissertação à orientação de Maria Virginia Borges Amaral (mestrado em serviço social) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Serviço Social.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 21 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

SOUZA, Reivan Marinho. **CONTROLE CAPITALISTA E REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA O PROGRAMA BRASILEIRO DE QUALIDADE E PRODUTIVIDADE**. Maceió: Edufal, 2011.

UEHATA, Tesunojo. **A MEDICAL STUDY OF KAROSHI**. In: National Defense Counsel for Victims of Karoshi. Karoshi: When the “Corporate Warrior” Dies. Tokyo: ed. Mado-Sha, 1990.